

LIDANDO COM A BAGUNÇA (QUE FIZEMOS): DETALHANDO HIBRIDISMO, NORMATIVIDADE E COMPLEXIDADE NOS ESTUDOS DE JORNALISMO

Lidiando con el lío (que hicimos): detallando hibridismo, normatividad y complejidad en los estudios de periodismo
Dealing with the mess (we made): Unraveling hybridity, normativity, and complexity in journalism studies

_Tamara Witschge
_C.W. Anderson

_David Domingo
_Alfred Hermida

TRADUÇÃO: FERNANDO GONZALEZ

SOBRE OS AUTORES >

TAMARA WITSCHGE >

Professora da Universidade de Groningen, Países Baixos.

E-mail: t.c.a.witschge@rug.nl

C.W. ANDERSON >

Professor da Universidade de Leeds, Reino Unido.

E-mail: christopher.anderson@csi.cuny.edu

DAVID DOMINGO >

Professor da Universidade Livre de Bruxelas, Bélgica.

E-mail: david.domingo@ulb.ac.be

ALFRED HERMIDA >

Professor da Universidade da Colúmbia Britânica, Canadá.

E-mail: alfred.hermida@ubc.ca

SOBRE O TRADUTOR >

FERNANDO GONZALEZ >

Mestre em Comunicação pela FCL, Brasil

E-mail: ffernando.gonzalez@gmail.com

Texto originalmente publicado como *Dealing with the mess (we made): Unraveling hybridity, normativity, and complexity in journalism studies* em *Journalism: theory, practice and criticism*. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884918760669>>.

RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

Neste artigo, discutimos a ascensão e o uso do conceito de hibridismo nos estudos de jornalismo. O hibridismo permitiu uma intervenção significativa em uma disciplina que tinha a tendência de focar em uma compreensão estável e homogênea do campo. Não obstante, agora devemos reconsiderar seu desenvolvimento, uma vez que o conceito somente nos permite entender parcialmente os desenvolvimentos do jornalismo. Argumentamos que para a pesquisa evoluir de uma maneira produtiva, devemos, ao invés de indicar tudo o que for complexo e híbrido, desenvolver novas abordagens para nosso objeto de estudo. Em última análise, isso é um convite aberto ao campo para adotar abordagens experimentalistas baseadas na prática, que nos ajudem a superar as dualidades limitadas que por muito tempo regeu nosso trabalho teórico e empírico no campo.

Palavras-chave: Trabalho de fronteiras; complexidade; construtivismo; abordagem experimentalista; hibridismo; estudos de jornalismo; normatividade; teoria da prática.

Resumen: En este artículo, discutimos un ascenso y uso del enfoque de hibridismo en estudios de jornalismo. O hibridismo permitiu uma intervención importante en una disciplina que tinha a tendência de focar em uma compreensão estável e homogênea do campo. No obstante, ahora debemos reconsiderar su desarrollo, ya que el concepto sólo nos permite entender parcialmente los progresos del periodismo. Argumentamos que para la investigación evolucionar de una manera productiva, debemos, en vez de indicar todo lo que sea complejo e híbrido, desarrollar nuevos enfoques para nuestro objeto de estudio. En última instancia, esto es una invitación abierta al campo para adoptar enfoques experimentalistas basados en la práctica, que nos ayuden a superar las dualidades limitadas que por mucho tiempo rige nuestro trabajo teórico y empírico en el campo.

Palabras clave: Trabajo de fronteras; complejidad; constructivismo; abordaje experimentalista; hibridismo; estudios de periodismo; normatividad; teoría de la práctica.

Abstract: In this article, we discuss the rise and use of the concept of hybridity in journalism studies. Hybridity afforded a meaningful intervention in a discipline that had the tendency to focus on a stabilized and homogeneous understanding of the field. Nonetheless, we now need to reconsider its deployment, as it only partially allows us to address and understand the developments in journalism. We argue that if scholarship is to move forward in a productive manner, we need, rather than denote everything that is complex as hybrid, to develop new approaches to our object of study. Ultimately, this is an open invitation to the field to adopt experientialist, practice-based approaches that help us overcome the ultimately limited binary dualities that have long governed our theoretical and empirical work in the field.

Keywords: Boundary work; complexity; constructivism; experientialist approach; hybridity; journalism studies; normativity; practice theory.

INTRODUÇÃO

O conceito de hibridismo e seus termos relacionados nos estudos de jornalismo renderam uma intervenção significativa em uma disciplina que tinha a tendência de focar um entendimento homogêneo e estável do campo. A ascensão do hibridismo pode ser vista como uma resposta à crescente complexidade tanto na teoria quanto na prática jornalística. Focando no hibridismo dos profissionais, instituições, tecnologias e práticas jornalísticas, pesquisadores se concentraram em detalhar e compreender as rápidas mudanças que vem afetando o jornalismo de todos os lados e imunizar a pesquisa contra os perigos inerentes, focando na estabilidade e na homogeneidade. Os quadros teóricos que enfatizam a estabilidade e sugerem a homogeneidade nos impedem de fazer justiça aos desenvolvimentos empíricos e à natureza dinâmica e diversa das práticas no campo jornalístico.

Não obstante, precisamos reconsiderar o desdobramento regular do conceito, teórica e empiricamente, já que esse nos permite designar e entender seus desenvolvimentos no jornalismo apenas parcialmente. Caracterizado pela mudança, complexidade e continuidade, o campo apresenta simultaneamente novos estados de estabilidade e o crescimento de novas estruturas. Nessa relação entre mudança e continuidade, o foco no hibridismo surge com várias potenciais desvantagens. Se a academia pretende avançar de maneira produtiva, nós precisamos desenvolver novas conceituações, terminologias e vocabulários ao invés de indicar tudo que é complexo e híbrido.

Este artigo, em primeiro lugar, examina como o hibridismo se tornou um conceito importante nos estudos de jornalismo como uma resposta às rápidas mudanças digitais, sociais e econômicas. Nós então delineamos os principais problemas com o que nos referimos como “virada híbrida”: a homogeneidade histórica e estabilidade sugeridas e suas relações com as considerações normativas no jornalismo. Por último, consideramos como ir além do hibridismo, convidando a uma abordagem experimentalista, baseada na prática, para indicar o limitado valor explanatório do conceito de hibridismo agora que se tornou um termo abrangente construído para superar as dualidades binárias que por muito tempo regeram o trabalho teórico e empírico na área. Por fim, exploramos abordagens que permitem um entendimento mais profundo da natureza do objeto híbrido.

A VIRADA HÍBRIDA

Existem poucas dúvidas de que a virada híbrida nos estudos teóricos de jornalismo chegou, e que a campanha de pesquisadores que desejavam adotar uma abordagem hibridizada quanto a seus objetos de pesquisa foi majoritariamente bem-sucedida. Nós não discordamos fundamentalmente desta virada; de fato, nós mesmos temos contribuído pelo menos em parte para essas mudanças (WISCHGE ET AL., 2016). Agora chegou o momento da avaliação. Entender o que jaz além do hibridismo (se é que há alguma coisa) é essencial para entender as raízes da própria virada híbrida.

O livro mais importante para compreender o sistema de mídia híbrida em termos gerais é *Hybrid Media System*, de Andrew Chadwick (2013), agora em sua segunda edição. A publicação foi uma efeméride intelectual essencial no desenvolvimento de uma teoria geral do hibridismo institucional, que migrou do jornalismo para integrar questões de forma organizacional mais diretamente na literatura da comunicação política. O livro ataca a maneira como a decomposição de atores individuais na esfera política e a indefinição de fronteiras organizacionais remodelaram os mecanismos através dos quais o poder comunicativo é distribuído nas democracias modernas. A obra traça diversos paralelos sustentados por casos específicos e formas comunicativas que adicionam uma camada empírica à análise do autor.

No cerne do que chamamos de “virada híbrida” está o desejo de compreender aquilo que não necessariamente cabe mais em categorias muito utilizadas, que acabaram reinando em nosso trabalho empírico e teórico no campo: duro/suave, falso/real, profissional/amador, para dar alguns exemplos. Conforme o campo dos estudos de jornalismo passou a compreender que essas dicotomias não se sustentam mais, essa virada híbrida também passou a significar a utilização de novos termos destinados a descrever categorias indefinidas de produtores – *producers* (BURNS, 2006), *in-betweeners* (AHVA, 2017) e amadores semiprofissionais (NICY, 2016) – e de gêneros – notícia afetiva (PAPACHARISSI, 2015), jornalismo participativo (SINGER ET AL., 2011) e infotenimento (BRANTS, 1998).

A virada híbrida também veio à tona na forma de um aumento de consciência da complexidade do campo. O conceito de Alfred Hermida (2010) de ambiente jornalístico postula que as redes sociais,

especificamente o Twitter, seriam como um sistema de tomada de consciência, onde notícias e informações da mídia institucional tradicional circulam ao lado de fragmentos de diversas fontes, cada uma competindo por atenção e influenciando as outras. O artigo de C. W. Anderson (2010) sobre os Francisville Four é outro exemplo, rastreando a forma como uma notícia relativamente pequena atravessou o ecossistema de notícias da Filadélfia e foi editada, retrabalhada e transformada à medida que pulava de uma rede institucional para a outra. O texto de Anderson – como um projeto maior de Stephen Coleman et al. (2016) – tem a vantagem de focar a dinâmica do sistema de mídia híbrida de somente uma cidade, um enfoque adotado também pelo *Pew Research Center* (2010) sobre o ecossistema de notícias de Baltimore. Cada uma dessas reportagens demonstra um argumento diferente para lançar uma nova luz sobre as operações da hibridação jornalística. Enquanto Anderson (2010) demonstra como a difusão de notícias é largamente o resultado de ações institucionais concretas que movem as notícias de maneiras específicas, o estudo de Leeds (COLEMAN ET AL., 2016) olha para a coletividade de atores da mídia local da cidade britânica que criam em seu âmbito uma “sensação de pertencimento” local. O estudo de Baltimore (*Pew Research Center*, 2010) demonstra como organizações jornalísticas tradicionais ainda estão produzindo a matéria-prima sobre a qual grande parte do jornalismo híbrido se debruça.

Desde a publicação do livro de Chadwick, a ideia de um sistema de mídia híbrida foi aplicada a redes sociais digitais (ARTHURS E LITTLE, 2001; HERMIDA, 2016), verificação (GIGLIETTO ET AL., 2016), jornalismo de dados (HERMIDA E YOUNG, 2017) e comunicação política (DENNIS ET AL., 2016; WELLS ET AL., 2016). O conhecimento sobre as fronteiras do jornalismo e a autoridade jornalística, exemplificado pelo trabalho de Matt Carlson (2017), pode ser visto como observações ultrapassadas sobre esta temática. Se a virada híbrida problematizou a natureza exata das instituições jornalísticas, assim como as bases normativas nas quais repousavam as justificativas de sua importância dentro do sistema político geral, a questão de onde começam e onde terminam as fronteiras do jornalismo é agora uma questão de embate organizacional, e não algo que pode ser presumido de forma prévia, antes do começo de qualquer análise. Em outras palavras, o conceito de um sistema híbrido de mídia ajudou a promover uma corrente de estudos que busca compreender como a autoridade das organizações jornalísticas – nunca algo certo – é debatida na prática.

Mark Deuze e Tamara Witschge (2018) ajudaram a resumir esse debate em particular ressaltando que “o suposto núcleo do jornalismo e a presumida consistência da dinâmica interna das organizações de notícias são pontos de partida problemáticos para os estudos de jornalismo.” (DEUZE; WITSCHGE, 2018, p. 165) Eles argumentam a favor da necessidade de ir “além de abordagens individualistas ou institucionais para fazer justiça com as atuais transformações complexas pelas quais passa a profissão” (DEUZE; WITSCHGE, 2018, p. 165). Essencialmente, eles mesclam as nuances e ambições teóricas de Chadwick com a revisão sinóptica do entendimento tradicional, modernista do jornalismo. Eles desafiam pesquisadores de jornalismo a abandonar o grosso de suas concepções centrais nas suas análises da paisagem do jornalismo digital do século XXI.

O PROBLEMA COM A VIRADA

Enquanto todos esses trabalhos discutidos acima ajudaram a nos afastar de uma compreensão simplificada dos objetos de estudo, estamos preocupados com o fato de que o conceito de hibridismo tenha servido como um atalho para conter mudanças na produção, publicação e propagação de notícias e informações, e como uma abordagem para incutir complexidade. Como termo abrangente, serviu a um propósito importante, mas precisamos questionar seu valor explicativo e dar o próximo passo, não somente para nomear, mas também para descrever e teorizar a complexidade do campo. Além disso, a virada híbrida na pesquisa em jornalismo pode sugerir uma “pureza” histórica que nunca existiu. De particular importância, a evocação fácil de hibridismo pode funcionar como uma maneira de distanciar ou até mesmo ignorar considerações normativas.

Em primeiro lugar, precedentes históricos apontam para o hibridismo na produção de notícias, instituições, tecnologias e práticas em sociedades passadas, como por exemplo a prática da panfletagem nos anos 1600 na Inglaterra. Na época, “panfletos se tornaram parte da prática política cotidiana, a forma primária de criar e influenciar a opinião pública¹” (Raymond, 2003, p.26). Com a ascensão da imprensa jornalística na Inglaterra nos anos 1800, os panfletos evoluíram para espaços destinados a “um tipo de nota de rodapé ou comentário marginal sobre a história oficial²” (Orwell, 1948, p.15), de certa forma um presságio da ascensão dos blogs 200 anos mais tarde (MOE, 2010). De forma similar, a análise de Robert Darnton (1995) sobre as notícias na França pré-revolucionária ressalta o que poderia ser considerado como um sistema híbrido de mídia. Ele descreve um sistema de mídia intrincado onde notícias e informação circulavam através de conversação, fofocas, canções, panfletos e livros, ao lado de jornais e revistas oficiais, onde “a mídia se costurava em um sistema de comunicação tão poderoso que se mostrou decisivo para o colapso do Antigo Regime³” (Darnton, 2000, p.29). Tais exemplos servem como um lembrete do valor da perspectiva histórica na pesquisa. Eles ilustram como o hibridismo tem sido um fator no ambiente midiático do passado onde gerações experimentaram o que na época era visto como transformações aceleradas, tumultuosas e bagunçadas. O hibridismo como um modo de ser para a mídia não é algo tão novo quanto parece; as pesquisas abraçando o hibridismo como conceito, por outro lado, são.

Em segundo lugar, a ênfase no hibridismo das práticas sociais e seus desdobramentos tendeu a subestimar o papel das normas na evolução do jornalismo. O hibridismo abriu a porta para considerarmos que os ideais que direcionam o papel do jornalismo na sociedade são negociados nas práticas cotidianas, pela pluralidade de atores que se engajam no processo de produção de notícias (DOMINGO E LE CAM, 2015). A descoberta de que a configuração do jornalismo como atividade social não é independente, de que ela é continuamente negociada, foi um antídoto crucial contra tanto o determinismo tecnológico quanto contra diretrizes de pesquisa implicitamente normativas (BORGER ET AL., 2013). No entanto, as normas que governam as práticas e teorias jornalísticas transcendem as interações entre os atores de tal maneira que

¹ “Pamphlets had become part of the everyday practice of politics, the primary means of creating and influencing public opinion,” no idioma original.

² “A sort of footnote or marginal comment on official history,” no idioma original.

³ “the media knit themselves together in a communication system so powerful that it proved to be decisive in the collapse of the regime,” no idioma original.

merecem mais atenção da academia: elas são poderosas para estruturar relações porque são referências compartilhadas que conectam práticas presentes e atuais com ideais tanto antigos quanto novos.

Para entendermos a existência continuada de estruturas e instituições em um campo em fluxo devemos nos concentrar em como os arranjos sociotécnicos dependem da habilidade dos atores de alinhar outros com seus interesses, em redes de relacionamentos que são necessariamente conectadas porque são recriadas a cada interação (DOMINGO E WIARD, 2016). Enquanto tal visão construtivista da sociedade tem sido criticada por achatar hierarquias existentes de poder (COULDRY, 2008), poderíamos argumentar que ela, na verdade, nos permite explicar como a ordem é mantida através das interações entre atores e suas práticas. As normas podem desempenhar um papel crucial em conformar como os atores aceitam (ou desafiam) configurações existentes de uma rede: os diferentes domínios das atividades humanas possuem diferentes diretrizes governando-os, às quais os atores se referem atribuindo sentido às suas ações e aceitando seu valor (LATOUR, 2013).

INDO ALÉM DO HIBRIDISMO

Está claro que as práticas no campo do jornalismo demandam um novo tipo de pesquisa para abordar a dança entre estabilidade e mudança, para capturar a diversidade do campo, mostrar os padrões entre os fluxos aparentes, traçar a dinâmica entre normas e práticas, e discutir processos. Não pretendemos substituir nenhum dos antigos paradigmas com um novo. Ao contrário, oferecemos alguns conceitos que nos permitam avançar de tal maneira que não reproduzam nem fortaleçam as dualidades subjacentes às análises nos estudos de jornalismo. Nos esforçamos para uma agenda de pesquisa verdadeiramente inclusiva, tanto conceitual quanto empiricamente, lançando luz no que permaneceu obscurecido ou que acabou sendo marginalizado através das nossas pesquisas (TIMMERMANS, 2015).

Um dos principais avanços do conceito de hibridismo diz respeito à maneira como ele dá conta da insuficiência das ideias binárias que existem no campo. Esses binômios são o resultado de uma dinâmica entre normas e práticas no jornalismo e as construções aplicadas por pesquisadores para analisá-las. No entanto, compreender fenômenos através das lentes do hibridismo ainda baseia esse entendimento no mesmo contínuo, a oposição, a dualidade que resultou na necessidade por termos híbridos. Aqui, propomos entender os fenômenos no campo jornalístico – e de forma mais abrangente na mídia e na sociedade como um todo – de tal maneira que deixemos para trás as distinções binárias que estão nas bases de muitas análises em si. Considere todas as diferentes dicotomias usadas como diretrizes para compreender o jornalismo e a mídia, seja por pesquisadores ou praticantes: objetivos x subjetivo, comercialmente conduzido x motivado pelo público, entretenimento ou informação, neutro x comprometido, produzido por profissionais ou amadores, emotivo x racional, e, a adição popular mais recente para a árvore de conceitos binários, falso ou real.

Sim, a virada híbrida adicionou uma opção “ambos” para a dicotomia ou-ou. Mas isso ainda não oferece uma saída da armadilha binária. Precisamos nos perguntar não somente a qual propósito esses binômios

servem, mas também o que e quem é excluído como resultado deles. Uma maneira de ir além do hibridismo em uma direção mais frutífera, então, pode ser perguntar como a continuidade é construída, estruturada e mantida. O hibridismo não significa que não há ordem, mas que essa ordem é dinâmica, instável e mais frágil. É relevante compreender como essa ordem é construída, considerando o complexo conjunto de relações em qualquer contexto: o que é aceito como ideal, como norma, e como as práticas negociam sua coerência com as normas ou sua rebelião contra elas. Para um observador externo, a relação em uma rede pode parecer confusa, ilógica, talvez até mesmo caótica. Para os integrantes dessa rede, no entanto, pode haver uma lógica, um “modo de existência” (LATOUR, 2013) que mantém a integridade estrutural do jornalismo através de todas as transformações necessárias para fazer as coisas acontecerem; existe uma continuidade nos elementos descontínuos.

Estamos simplesmente advogando em favor de compreender o jornalismo (e a vida) como algo feito de inconsistências. Tomando isso como nosso ponto de partida e mudando nossa atenção para longe das noções de distinções do tipo ou-ou (ou ambos, no caso da compreensão dos fenômenos como híbridos), seremos capazes de desenvolver ideias que se ajustam melhor às “realidades das nossas experiências” (Lakoff e Johnson, 1980, p.185). Como pesquisadores, talvez estejamos excepcionalmente bem posicionados para prover compreensões novas e alternativas. Precisamos ver a pesquisa acadêmica pelo que ela é: “uma empreitada radicalmente contextual e problemática, com um mandato social muito complicado, se é que há algum” (Star, 2015, p.14). Podemos reconhecer a natureza e impacto de nossas diretrizes conceituais, tratando da necessidade de conceitos mais úteis para “substituir a dicotomia ou-ou do construído x real” (Star, 2015, p.21) e outras tais dicotomias que guiam nossas análises.

Precisamos de uma abordagem experimental que reconheça que “nós entendemos o mundo através de nossas interações com ele” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 194) e que nos ajude a compreender aquilo que não se encaixa facilmente ou automaticamente nas teorias racionais de distinção binária: “nossos sentimentos, experiências estéticas, práticas morais e consciência espiritual” (Lakoff e Johnson, 1980, p.193). Alguns podem argumentar que as pesquisas se tornariam sem propósito se adotássemos tal abordagem experimentalista ao invés das diretrizes padronizadas baseadas nos binômios que sempre direcionaram os estudos de jornalismo. Nós discordamos. A atividade da pesquisa poderia compreender melhor as experiências indo além de apontar inconsistências, prestando mais atenção em como as compreensões e práticas são coerentes, mesmo que não necessariamente consistentes. George Lakoff e Mark Johnson (1980) mostram de forma eloquente como esses não são conceitos mutuamente excludentes. Se pararmos de tentar tolher os dados para que se encaixem em nossas oposições inerentemente limitadas, poderemos procurar padrões; ou, como se chama na teoria da prática (SCHATZKI, 2005), “pacotes” ou uma “mescla” de estados emocionais, contextos materiais, atividades e definições, que podem não necessariamente formar um todo consistente, mas que aparentam ser coerentes.

Tal resposta para uma crescente complexidade do mundo social não se apoia em reducionismo, mas é focada no expansionismo. Ela nos permite oferecer relatos inclusivos desse mundo, incluindo toda bagunça

e desorganização. Dessa maneira, nós poderemos desenvolver valores que talvez estejam atualmente marginalizados, se é que estão de alguma maneira guiando nossas práticas, como a dúvida (COSTERA MEIJER, 2016), criando (e lidando com a) confusão, estando presentes (HARAWAY, 2016) e sendo abertos: “abertos a dados, abertos a estar errado, a refazer seu próprio trabalho, a buscar ativamente novas maneiras de enxergar e novos enganos” (Star apud Timmermans, 2015, p.2). Como apontado por Geoffrey C. Bowker e Susan Leigh Star (apud Timmermans, 2015), precisamos desenhar “sistemas classificatórios que não excluam rearranjos sugeridos por novas formas de conhecimento natural e social” (p.7). Precisamos estar prontos para ver a bagunça conceitual que fizemos tentando fazer tudo se encaixar perfeitamente em categorias que nunca permitiram tal encaixe.

Uma maneira de lidar com esse desafio empírico de uma abordagem experimentalista é utilizar situações como unidades de análise, ao invés de atores sociais. Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1999) nos convidam a aceitar o pluralismo normativo nos pedindo para reconhecer que cada ator pode trazer um mundo normativo completamente diferente para uma situação específica, complicando o processo de decidir com os outros atores, o que seria um comportamento apropriado. O jornalismo está na encruzilhada das diferentes “ordens de valor”: o bem comum, a competição de mercado e reconhecimentos social. Atores interagindo com o processo jornalístico trazem as regras de seus próprios mundos, e atores jornalísticos são eles próprios pegos no meio dessas lógicas distintas.

Estando abertos para a inconsistência das práticas, incluindo normas, criamos uma oportunidade de reconciliar nossa produção acadêmica com nossos próprios princípios normativos como cidadãos preocupados com o futuro do jornalismo. Star viu isso como o desafio mais delicado para a pesquisa construtivista: “como podemos fazer uma revolução que será ontologicamente e epistemologicamente plural e moralmente responsável? Podemos ser tanto pluralistas quanto construtivistas, ter valores firmes e deixar espaço para construções soberanas de pontos de vista?” (Star, 2015, p.22). Da mesma forma que reconhecemos e analisamos as normas de outros atores, podemos deixar explícitos nossos próprios ideais morais sobre o que o jornalismo deveria ser e assumi-los em nossas interações com nossos objetos de pesquisa, nos responsabilizando por nossas posições como membros do nosso próprio campo de estudo. Poderemos então aspirar a propor humildemente configurações mais sustentáveis para os fenômenos jornalísticos que estamos tentando compreender.

REFERÊNCIAS>>

AHVA, L. How is participation practiced by ‘in-betweeners’ of journalism? **Journalism Practice**, v. 11, n. 2–3, p. 142–159, jul. 2016.

ANDERSON, CW. Journalistic networks and the diffusion of local news: The brief, happy news life of the ‘Francisville Four’. **Political Communication**, v. 27, n. 3, p. 289–309, ago. 2010.

- ARTHURS, J; LITTLE, B. Hybrid media celebrity. In: ARTHURS, J; LITTLE, B (eds). **Russell Brand: Comedy, Celebrity, Politics. London:** Palgrave Macmillan, 2016, p. 55–82.
- BOLTANSKI, L; THÉVENOT, L. The sociology of critical capacity. **European Journal of Social Theory**, v. 2, n. 3, p. 359–377, ago. 1999.
- BORGER, M; VAN HOOFF, A; COSTERA MEIJER, I. Constructing participatory journalism as a scholarly object: A genealogical analysis. **Digital Journalism**, v. 1, n. 1, p. 117–134, 2013.
- BRANTS, K. Who's afraid of infotainment. **European Journal of Communication**, v. 13, n. 3, p. 315–335, set. 1998.
- BRUNS, A. Towards produsage: Futures for user-led content production. In: Sudweeks, F, Hrachovec, H, Ess, C (eds) **Cultural Attitudes towards Communication and Technology**. Perth, WA, Australia: Murdoch University, 2006, p. 275–284.
- CARLSON, M. **Journalistic Authority: Legitimizing News in the Digital Era**. New York: Columbia University Press, 2017.
- CHADWICK, A. **The Hybrid Media System: Politics and Power**. New York: Oxford University Press, 2013.
- COLEMAN, S; THUMIM, N; BIRCHALL, C. **The Mediated City: The News in a Post-Industrial Context**. London: Zed Books, 2016.
- COSTERA MEIJER, I (2016) Practicing audience-centered journalism research. In: WITSCHGE, T; ANDERSON, CW; DOMINGO, D. (eds) **The Sage Handbook of Digital Journalism**. London: SAGE, p. 546–561.
- COULDRY, N. Actor network theory and media: Do they connect and on what terms? In: HEPP, A; KROTZ, F; MOORES, S. (eds) **Connectivity, Networks and Flows**. New York: Hampton Press, 2008, p. 93–110.
- DARNTON, R. **The Forbidden Best-Sellers of Pre-Revolutionary France**. New York: W. W. Norton, 1995.
- DARNTON, R. An early information society: News and the media in eighteenth-century Paris. **The American Historical Review**, v. 105, n.1, p. 1–35, fev. 2000.
- DENNIS, JW, CHADWICK, A, SMITH, AP. Politics in the age of hybrid media: Power, systems, and media logics. In: BRUNS, A; ENLI, G., SKOGERBO, E. (eds). **The Routledge Companion to Social Media and Politics**. New York: Routledge, 2016, p. 7–23.
- DEUZE, M, WITSCHGE, T. Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. **Journalism**, v. 19, n. 2, p. 165–181, fev. 2017.

DOMINGO, D, LE CAM, F. Journalism beyond the boundaries: The collective construction of news narratives. In: CARLSON, M; LEWIS, SC (eds). **Boundaries of Journalism**. London: Routledge, 2015, p. 137–152.

DOMINGO, D, WIARD, V. News networks. In: WITSCHGE, T; ANDERSON, CW; DOMINGO, D. (eds) **The Sage Handbook of Digital Journalism**. London: SAGE, 2016, p. 397–409.

GIGLIETTO, F, IANNELLI, L, ROSSI, L. Fakes, news and the election: A new taxonomy for the study of misleading information within the hybrid media system. In: Convegno AssoComPol 2016, Urbino, p. 15–17, dez. 2016.

HARAWAY, DJ. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. London: Duke University Press, 2016.

HERMIDA, A. Twittering the news: The emergence of ambient journalism. **Journalism Practice**, v. 4, n. 3, p. 297–308, jul. 2010.

HERMIDA, A. Social media and the news. In: WITSCHGE, T; ANDERSON, CW, DOMINGO, D. (eds) **The Sage Handbook of Digital Journalism**. London: SAGE, p. 81–94, 2016.

HERMIDA, A, YOUNG, ML. Finding the data unicorn: A hierarchy of hybridity in data and computational journalism. **Digital Journalism**, v. 5, n. 2, p. 159–176, abr. 2017.

How news happens. **Pew Research Center** (2010). Disponível em: <<http://www.journalism.org/2010/01/11/how-news-happens/>> Acesso em: 15 ago. 2017.

LAKOFF, G, JOHNSON, M. **Metaphors We Live by**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1980.

LATOUR, B. **An Inquiry into Modes of Existence**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

MOE, H. Everyone a pamphleteer? Reconsidering comparisons of mediated public participation in the print age and the digital era. **Media, Culture & Society**, v. 32, n. 4: 691–700, jul. 2010.

NICEY, J. Semi-professional amateurs. In: WITSCHGE, T; ANDERSON, CW; DOMINGO, D. (eds) **The Sage Handbook of Digital Journalism**. London: SAGE, 2016, p. 222–235.

ORWELL, G. Introduction. In: ORWELL, G (ed.) **British Pamphleteers, Volume 1: From the Sixteenth Century to the French Revolution**. London: A. Wingate, 1948, p. 7–18.

PAPACHARISSI, Z. Toward new journalism(s): Affective news, hybridity, and liminal spaces. **Journalism Studies**, v. 16, n. 1, p. 27–40, mar. 2014.

RAYMOND, J. **Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SCHATZKI, TR. Peripheral vision: The sites of organizations. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, p. 465–484, mar. 2005.

SINGER, JB, DOMINGO, D, HEINONEN, A. **Participatory Journalism**. Malden, MA: John Wiley & Sons, 2011.

STAR, SL. Revisiting ecologies of knowledge: Work and politics in science and technology. In: BOWKER, GC; TIMMERMANS, S; CLARKE, AE. (eds) **Boundary Objects and beyond**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2015, p. 13–46.

TIMMERMANS, S. Introduction: Working with Leigh Star. In: BOWKER, GC; TIMMERMANS, S; CLARKE, AE. (eds) **Boundary Objects and beyond**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2015, p. 1–9.

WELLS, C, SHAH, DV, PEVEHOUSE, JC. (2016) How Trump drove coverage to the nomination: Hybrid media campaigning. **Political Communication**, v.33, n.4, p. 669–676, set. 2016.

WITSCHGE, T, ANDERSON, CW, DOMINGO, D. **The Sage Handbook of Digital Journalism**. London: SAGE, 2016.

Data de submissão: 17/03/2018

Data de aceite: 17/04/2018